

AS MÚLTIPLAS AUTORIAS DA MULTIARTISTA MOÇAMBICANA ÉNIA LIPANGA: POETISA, ROMANCISTA, ESCRITORA, RAPPER, ATIVISTA SOCIAL.

Enia Lipanga ¹

Eni Alves Rodrigues²

Lílian Paula Serra e Deus ³

Wellington Marçal de Carvalho⁴

RESUMO

A entrevista em pauta busca um diálogo com as muitas facetas da moçambicana Enia Lipanga, cuja produção cultural e artística tem se feito expandir para além das fronteiras de Moçambique, a partir de uma intenção política que é também estética. Com algumas obras publicadas e com a promessa de outras que virão à cena em breve, Énia Lipanga se apresenta como uma das grandes vozes moçambicanas a difundir sua arte e suas ideias pelo mundo, através de uma voz individual que, por uma intenção de luta, faz ecoar um coletivo de vozes marginalizadas, seja pelas opressões patriarcal, colonial, sexista, de raça, ou mesmo pelo capacitismo.

Palavras-chave: Poesia moçambicana; feminismo; Ativismo social; Rapper.

ABSTRACT

The interview in question seeks a dialogue with the many facets of the Mozambican Enia Lipanga, whose cultural and artistic production has expanded beyond the borders of Mozambique, driven by a political intention that is also aesthetic. With some works already published and the promise of others soon to emerge on the scene, Enia Lipanga presents herself as one of the great Mozambican voices disseminating her art and ideas worldwide, through an individual voice that, by an intention of struggle, echoes a collective of marginalized voices, whether due to patriarchal, colonial, sexist, racial oppressions, or even ableism.

Keywords: Mozambican poetry; feminism; social activism; rapper.

¹ Énia Lipanga – rapper, poetisa, escritora e ativista social moçambicana

² Titulação: Pós-doutoranda em estudos literários UFMG. Afiliação institucional : UFMG. Email: enialro@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4856-8706>

³ Titulação: Pós doutorado em crítica da literatura e cultura UFBA. Afiliação institucional : Unilab
Email: lilianedeus@gmail.com. Orcid:<https://orcid.org/0000-0001-6307-825>

⁴ Titulação: Pós doutorado em estudos literários UFMG. Afiliação institucional : UFMG.
Email: marcalwellington@yahoo.com.br. Orcid:<https://orcid.org/0000-0002-8881-6850>

1. INTRODUÇÃO

A entrevista aqui apresentada foi realizada no dia 27 de janeiro de 2025, em formato remoto, por meio do envio de um conjunto de perguntas por escrito à multiartista Enia Lipanga, que respondeu igualmente por escrito. A entrevistada manifestou formalmente seu consentimento para a divulgação das respostas, de acordo com os princípios éticos de pesquisa e publicação acadêmica.

Nascida e criada em Maputo, Moçambique, Enia Lipanga é reconhecida por sua atuação multifacetada no campo artístico e social. Escritora, poetisa, romancista, rapper e ativista, sua trajetória é marcada pelo engajamento em temas relacionados aos direitos das mulheres, à inclusão das pessoas com deficiência e à valorização das culturas africanas. É autora de obras como *Sonolência e Alguns Rabiscos* (2020) — primeiro livro de poesia moçambicano publicado simultaneamente em tinta e braille —, *Para Enxugar as Nódoas dos Meus Olhos* (2021) e *Ensaio da Partida* (2023). Além disso, é mentora do projeto **“Palavras São Palavras”**, um dos principais espaços de expressão poética livre de Moçambique, e integrante do grupo de rap **Revolução Feminina**, dedicado ao empoderamento das mulheres por meio da arte.

A presente entrevista busca compreender as múltiplas dimensões da produção artística e militante de Enia Lipanga, analisando como sua escrita dialoga com questões de gênero, identidade, tradição e inclusão, situando-a no contexto contemporâneo das literaturas africanas em língua portuguesa. Nesse diálogo, pretende-se explorar de que modo sua trajetória e suas obras contribuem para ampliar o debate sobre representatividade e resistência no panorama literário moçambicano e no intercâmbio cultural entre Moçambique e Brasil.

Poderia compartilhar um pouco de sua biografia e seus trânsitos entre Moçambique, Brasil e outros espaços do mundo?

Sou Énia Lipanga, nascida e criada no bairro Luís, na periferia de Maputo, Moçambique. Sou rapper, poetisa, escritora e ativista social, com foco na defesa dos direitos das mulheres e na inclusão das pessoas com deficiência.

Sou mentora do evento Palavras São Palavras, que há 15 anos reúne poesia e outras artes, dando espaço para novos talentos. Integro o grupo de rap Revolução Feminina, que incentiva as

mulheres a se empoderarem e lutarem pelos seus direitos por meio da música e da poesia.

Meus poemas estão publicados em várias antologias comemorativas dos encontros de poetas da CPLP, representando Moçambique. Tenho três livros publicados: *Sonolência e Alguns Rabiscos*, o primeiro livro de poesia em tinta e Braille no país, *Para Enxugar as Nódos dos Meus Olhos* (2021) e *Ensaio da Partida* (2023).

Em 2018, fui reconhecida pela revista tanzaniana *Hamsa* como uma das figuras mais influentes da Lusofonia. Em 2024, integrei o Top 100 Bantu Man, que destaca personalidades negras de influência. Ao longo da minha trajetória, participei de eventos presenciais e remotos em países como Portugal, Brasil, África do Sul, Alemanha, Angola e Espanha.

No Brasil, os autores moçambicanos do pós-independência, como Mia Couto, Paulina Chiziane, José Craveirinha e outros, são as vozes mais conhecidas e celebradas. Eles contribuíram significativamente para a valorização da literatura moçambicana no espaço diaspórico e global. Dentro desse rico universo literário, quais desses autores – ou outros da sua escolha – tiveram maior impacto em sua escrita e visão artística? E de que maneira esses diálogos se manifestam nos temas que você aborda em sua poesia?

Minha escrita e visão artística são profundamente influenciadas por diferentes vozes da literatura moçambicana, tanto as mais conhecidas como as menos celebradas, mas igualmente potentes. Paulina Chiziane, por exemplo, me ensinou a importância de narrar a vivência das mulheres moçambicanas sem filtros, mas compreendendo que as lutas actuais não são as mesmas do passado. O mesmo acontece com a poesia de resistência de Noémia de Sousa e a forma como ela usou a voz para reivindicar os direitos. A literatura moçambicana tem estes cruzamentos de vozes e diálogos do passado que não se podem ignorar.

Por casas editoriais de seu país, você publicou pela Kuvaninga o volume *Sonolência e alguns rabiscos* (2020) e, pela Gala Gala as obras *Para enxugar as nódos dos meus olhos* (2021) e *Ensaio de partida* (2023). Como você percebe o espaço editorial moçambicano com relação à publicação de autoria feminina?

No passado, minha maior preocupação em relação ao espaço editorial moçambicano era a baixa presença de mulheres publicando e a ausência de editoras dirigidas por mulheres. No entanto, esse cenário tem se transformado nos últimos anos, com um número crescente de autoras

ocupando o mercado literário e editoras reconhecendo a necessidade de abrir espaço para essas vozes.

Exemplos como a Trinta Zero Nove, de Sandra Tamele, e o Diário de uma Qawwi, de Virgília Ferrão, mostram que não só há mais mulheres publicando, como também há mulheres na linha de frente da publicação, criando ambientes onde a sororidade e o olhar atento para as desigualdades de gênero fazem diferença.

Ainda que o mercado editorial moçambicano seja pequeno, e as oportunidades nem sempre sejam equitativas, há um esforço contínuo para equilibrar essa balança. As editoras têm percebido essas disparidades e buscado formas de dar mais espaço para autoras emergentes. O que vemos hoje é um movimento crescente de mulheres que ousam publicar e de editoras que estão dispostas a acolher suas narrativas, ampliando as possibilidades para a literatura feminina em Moçambique.

Como mulher negra e escritora em Moçambique, você ocupa um espaço de representatividade crucial dentro da literatura. Acredita-se que mulheres nesse campo enfrentem desafios únicos, especialmente no que diz respeito à visibilidade, ao reconhecimento e à superação de barreiras socioculturais. Em sua trajetória, quais foram os maiores obstáculos que você teve que superar enquanto escritora? E, na sua visão, o que ainda precisa ser feito para abrir mais caminhos para autoras no país?

Um dos maiores desafios que enfrentei, e ainda enfrento, é ser mulher em um espaço onde não somos estimuladas a pensar, criar e ocupar posições de destaque. No início da minha carreira, vivi uma situação de assédio perpetrada justamente por alguém que deveria me proteger. Esse episódio não foi um caso isolado, mas um reflexo das barreiras estruturais que impedem muitas mulheres de avançar na literatura e em outras formas de expressão artística.

Ao longo desses 20 anos, continuei a perceber que, para as mulheres, a caminhada exige o dobro do esforço para obter o mesmo reconhecimento. Ainda há uma resistência em nos enxergar como intelectuais, escritoras e protagonistas da nossa própria narrativa. Além disso, outro grande desafio é a dificuldade de viver da arte. O mercado literário moçambicano, já pequeno por si só, torna-se ainda mais restrito para mulheres, o que nos leva a buscar alternativas para sustentar nossa produção.

Para abrir mais caminhos para autoras no país, é essencial fortalecer redes de apoio, foi por isso

que em 2022 criei o Abracarte, uma rede de mulheres poetisas de todo o país, incentivar políticas editoriais mais inclusivas e garantir que as mulheres tenham acesso a espaços onde possam divulgar e comercializar suas obras. O reconhecimento de escritoras moçambicanas não pode ser exceção, mas sim uma prática constante e legitimada.

No poema 'Capulana', você utiliza essa peça tradicional moçambicana como símbolo da identidade, da força e da beleza das mulheres africanas. A capulana aparece não apenas como uma vestimenta, mas também como uma metáfora de ancestralidade, sensualidade, resistência cultural e união. Como você interpreta a capulana enquanto símbolo na cultura moçambicana e qual é o poder que ela carrega para fortalecer a autoestima e a conexão das mulheres com suas raízes? Além disso, você acredita que, em um mundo globalizado e que se diz modernizado, a capulana pode continuar sendo uma ponte entre tradição e contemporaneidade?

A capulana é muito mais do que um simples tecido; é um símbolo poderoso da identidade, força e ancestralidade das mulheres moçambicanas. Desde cedo, aprendemos seus múltiplos usos de forma tradicional – como vestimenta, acessório, proteção e até como linguagem silenciosa que comunica pertencimento e afeto. Essa transmissão de conhecimento fortalece nossa conexão com nossas raízes e com as gerações que vieram antes de nós. Acredito que, assim como preservamos e valorizamos nossas línguas locais, continuaremos a proteger e celebrar a capulana como parte essencial da nossa cultura. No entanto, é importante ressaltar que essa valorização não deve se transformar em uma imposição. Condono qualquer julgamento feito sobre mulheres que escolhem não usar a capulana, pois isso reforça barreiras de gênero e restringe a liberdade individual. A capulana deve ser um símbolo de empoderamento, e não um instrumento de controle. Em um mundo globalizado e em constante transformação, a capulana segue sendo uma ponte entre tradição e contemporaneidade. Sua presença em diferentes espaços – da moda ao ativismo, da arte à política – mostra que é possível ressignificá-la sem perder sua essência. Ela carrega histórias, resistência e beleza, e continuará sendo uma forma de afirmar nossa identidade cultural dentro e fora de Moçambique.

Escritores africanos como, por exemplo, a escritora moçambicana Paulina Chiziane e o escritor senegalês Mohamed Saar têm trazido para as suas obras um questionamento de tradições como *tichingar/levirato/kutchinga*, principalmente no tange ao peso dessas tradições sobre as mulheres. Como você vê esse diálogo entre literatura e as tradições africanas?

O diálogo entre literatura e tradições africanas é fundamental tanto para expor essas práticas ao mundo quanto para fomentar debates internos sobre seus impactos e possíveis transformações. A cultura é um elemento valioso, e eu mesma a pratico e preservo. No entanto, acredito que deve sempre existir um olhar crítico para identificar quando uma tradição se torna nociva, principalmente para as mulheres.

O kutsingar, por exemplo, é uma dessas práticas que precisam ser questionadas. A ideia de que uma mulher deve manter relações sexuais com o irmão do marido falecido para ser "purificada" impõe sobre ela um fardo injusto, retirando sua autonomia e perpetuando ciclos de opressão. A literatura tem o poder de denunciar e desconstruir essas imposições, dando voz a quem vive essas realidades e criando espaços de reflexão e mudança.

Além de ser uma escritora e poetisa renomada, você também é uma ativista engajada em causas de inclusão, especialmente de indivíduos com deficiência e questões de gênero. Um exemplo notável disso é seu primeiro livro, *Sonolência e alguns rabiscos*, que aborda temas como o amor, o gênero e a inclusão, e que foi lançado no Dia Mundial do Braille em 2020, sendo o primeiro livro de poesia publicado em braille em Moçambique. Como você integra sua arte com seu ativismo? E de que maneira você acredita que a literatura pode ser uma ferramenta poderosa para promover a inclusão e sensibilizar a sociedade sobre essas questões?

Minha arte e meu ativismo caminham juntos, porque acredito que a literatura tem o poder de sensibilizar, educar e provocar mudanças. Desde o início da minha trajetória, usei a escrita como forma de denunciar injustiças, dar voz a quem muitas vezes é silenciado e construir pontes entre diferentes realidades.

O lançamento do *Sonolência e Alguns Rabiscos* no Dia Mundial do Braille foi um marco nesse compromisso. Era essencial que a poesia chegasse também às pessoas com deficiência visual,

pois inclusão não deve ser apenas um discurso, mas uma prática. Acredito que a literatura pode ser uma ferramenta poderosa para transformar mentalidades, porque ao contar histórias e dar visibilidade a diferentes vivências, ela nos convida à empatia e à reflexão. Mais do que entreter, escrever é uma forma de resistência. É reivindicar espaços, questionar normas e ampliar horizontes. A inclusão passa por tornar esses espaços acessíveis, não apenas fisicamente, mas também simbolicamente. E é nisso que sigo acreditando e trabalhando: em uma arte que não exclui, mas que soma, acolhe e transforma.

Na era das redes sociais, temos visto o surgimento dos chamados 'instapoetas', que utilizam essas plataformas para compartilhar suas criações poéticas. Inclusive, foi através dessas redes que muitos de nós tivemos o primeiro contato com o seu trabalho, já que suas publicações em livro ainda não estão amplamente disponíveis no Brasil. Sabemos que em breve teremos acesso às suas obras publicadas aqui. Poderia nos falar sobre as diferenças e semelhanças entre criar e compartilhar poesia nas plataformas digitais e em livros impressos? Como cada meio impacta a forma e a recepção da sua poesia?

As redes sociais foram um espaço fundamental para que eu conquistasse leitores, muito antes de sonhar em lançar um livro. Comecei compartilhando meus textos online, e isso me permitiu alcançar pessoas em diferentes lugares, criar diálogos e entender como minha escrita ressoava com o público.

A principal diferença entre publicar poesia nas redes e em um livro impresso está na forma como o texto é recebido e consumido. Nas plataformas digitais, a leitura é rápida, instantânea, e a interação acontece em tempo real. O leitor pode reagir, comentar e até mesmo reinterpretar o poema no mesmo instante em que o lê. Já no livro impresso, a experiência é mais introspectiva e atemporal. O leitor tem a liberdade de voltar às páginas, reler e absorver o texto em um ritmo mais pessoal, sem tanta pressa. São dois mundos e ambos importantes na minha vida.

Durante visita ao Brasil, você teve a oportunidade de apresentar diversos trabalhos ao público brasileiro. Quais foram os principais temas e projetos que você levou para essa audiência? Como você escolheu o que compartilhar, considerando as particularidades culturais e sociais do Brasil?

Minha digressão pelo Brasil foi uma experiência enriquecedora, onde pude compartilhar minha

poesia, minhas reflexões sobre gênero, inclusão e identidade, e também apresentar projetos que desenvolvo em Moçambique. Levei o sarau Palavras São Palavras, que há anos promove a liberdade de expressão e a valorização da arte periférica, e também a performance E quando tornei-me corpo, que questiona os estereótipos e violências impostas aos corpos femininos. Além disso, participei de palestras nas universidades.

A escolha do que apresentar foi feita com muito cuidado, considerando o contexto brasileiro e os diálogos possíveis entre as realidades dos dois países. Muitos dos desafios que discutimos em Moçambique, como o machismo estrutural e as desigualdades sociais, também são vivências das mulheres brasileiras, o que criou uma conexão natural entre minha arte e o público. Ao mesmo tempo, trouxe elementos específicos da minha cultura para enriquecer essa troca, mostrando como a literatura e a oralidade moçambicana carregam histórias que dialogam com as do Brasil, mas com suas próprias particularidades.

A literatura brasileira e moçambicana tem muitos pontos de interseção, mas também suas próprias singularidades. Como tem sido a recepção do público brasileiro às suas mensagens e obras? Você sente que a comunidade brasileira consegue se identificar e se conectar com os temas que você aborda?

A recepção do público brasileiro tem sido profundamente emocionante e acolhedora. Minha literatura, que carrega marcas da oralidade moçambicana, da resistência feminina e da interseção entre poesia e ativismo, encontrou forte ressonância no Brasil. Durante minha digressão, percebi que temas como ancestralidade, identidade, feminismo e inclusão, que permeiam minha escrita, são questões igualmente vivas na literatura e no debate social brasileiro.

Muitas mulheres se identificaram com as dores e forças que atravessam minhas narrativas, especialmente aquelas que abordam o corpo feminino como território de luta e memória tal como são as poesias e músicas da Doralyce.

O fato de minha poesia dialogar com a realidade das mulheres moçambicanas e, ao mesmo tempo, ecoar vivências brasileiras reforça o poder da literatura como ponte entre culturas.

Além disso, o aspecto performático da minha escrita, onde a palavra não é apenas texto, mas também voz e presença, encontrou no Brasil um terreno fértil, onde a oralidade também tem uma tradição rica, especialmente na literatura afro-brasileira. Sinto que minha arte não apenas

foi compreendida, mas vivenciada, e isso fortalece ainda mais minha vontade de continuar essa troca entre Moçambique e Brasil.

Você está no processo de escrita de um romance, certo?! Poderia nos dizer um pouco sobre ele? Há a intenção de o publicar no Brasil?

Sim, finalizei a escrita do meu primeiro romance, e, embora ainda não possa revelar muitos detalhes sobre a trama, posso adiantar que ele mergulha profundamente em nossas raízes, essas que, ao longo da história, têm sido tão combatidas, mas que continuam a resistir e a nos definir.

A obra dialoga com questões de identidade, memória e pertencimento.

Quanto à publicação no Brasil, esse desejo está prestes a se concretizar. Tenho dois livros em processo de edição por uma editora, cujo nome prefiro manter em sigilo por enquanto, e o lançamento está previsto para este ano. Estou animada para compartilhar essas obras com o público brasileiro e ampliar ainda mais esse intercâmbio literário entre Moçambique e Brasil.

A pesquisadora e professora brasileira Ana Rita Santiago, no precioso livro *Cartografias em construção*: algumas escritoras de Moçambique, publicado, *e-book*, pela Editora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, em 2019, dedica uma seção a você. Nela menciona-se o projeto ‘Palavras são palavras’, criado por você. No que consiste essa ação?

“Palavras São Palavras” é o maior palco de expressão livre de Moçambique, uma plataforma que abrange diversas províncias do país e surgiu como um protesto contra a falta de espaços para a poesia livre, especialmente para novos poetas. Ao longo de 15 anos, temos resistido e persistido, mesmo diante dos desafios, como a escassez de locais adequados para acolher os eventos. Ainda assim, seguimos firmes na missão de realizar esta iniciativa anualmente, proporcionando um espaço de partilha, voz e reconhecimento para os talentos da poesia moçambicana.